



Nov/Dez 78



Otto Souza Lima

Penetração



Nov/Dez 78
Ano 44
Número 6

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Penetração 3

EVANGELISMO

Ética em Campanhas de Evangelização 6

O PASTOR

Uma Teologia de Ordenação (conclusão)

B) A Missão da Igreja 8

C) Uma Teologia de Ordenação 15

ARTIGOS GERAIS

Fumo e Saúde (2ª Parte) 21

4135

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Rubén Pereyra

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erló G. Köhler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura anual:
Cr\$ 96,00
US\$ 1,00

Editado bimestralmente
pela **Casa Publicadora
Brasileira**, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
O Ministério Adventista,
Caixa Postal 07-1042 —
70000 - Brasília — DF.

Penetração

O homem do século XX vive em profundidade a experiência da PENETRAÇÃO. O homem procura penetrar em todos os ramos da ciência e do conhecimento. Procura penetrar nos até então insondáveis e impenetráveis mundos do macrocosmo e do microcosmo, no invisível mundo do átomo. O homem penetra nas profundezas do mar, da terra e do céu. Tudo tem de ser penetrado: o subconsciente, o psíquico, os segredos da mente. Ele penetra no corpo, realiza transplantes, trocando ou substituindo corações, rins, etc.

Vivemos o momento máximo da Penetração! E a igreja — qual é momento em que vive? A igreja, como tudo o mais, começa a viver seu ponto máximo, pois está na última fase da Penetração.

Penetração é atividade divina. Não podemos salvar o mundo ficando fora dele. Quando Deus quis salvar o mundo, Ele não ficou em cima, rodeado de glória e majestade. Para salvar o mundo Deus aqui penetrou pela porta de Belém. No ventre de Maria, o Verbo cavalgou de Nazaré a Belém, aportando na manjedoura. Jesus, o Eterno Deus, Aquele que uma vez aqui penetrou para criar, agora aqui penetrava segunda vez para salvar. Jesus viveu a experiência da Penetração em Seu ministério.

Não são poucos os textos nos Evangelhos mostrando que Jesus em Seu ministério tinha um programa de Penetração. S. Lucas 8:1, 13:22, 9:6, 4:43 descrevem Jesus indo de cidade em cidade, de aldeia em aldeia. Dizem que Ele percorria as cidades e aldeias. Dizem também que Ele percorria TODAS as aldeias. Nenhum lugar era demasiado pequeno ou indigno para não merecer Sua atenção. S. Marcos 1:29-38 mostra como Jesus desenvolveu um programa de Penetração. O relato diz que o Senhor curara a sogra de Pedro. Após o pôr do Sol, muitos enfermos e endemoninhados foram trazidos e curados. "Toda a cidade se ajuntou à porta", "todos Te buscam". Uma grande multidão desejava ver e ouvir o jovem Pregador.

Quando Deus quis salvar o mundo, Ele não ficou em cima, rodeado de glória e majestade. Para salvar o mundo Deus aqui penetrou pela porta de Belém.

José Bessa Filho
Associação
Ministerial da DSA.

O versículo 38 retrata o alto sentido dado à Penetração no calendário de atividades do Salvador: "Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que Eu pregue também ali, pois para isso é que Eu vim". Quando, como pastores, somos colocados num distrito, nossa responsabilidade não deve restringir-se apenas a cuidar das igrejas e dos grupos existentes. Temos idênticas responsabilidades para com os "outros lugares", para com "as povoações vizinhas".

Diz a serva do Senhor: "Preferirão andar entre as igrejas, repassando sempre o mesmo terreno. . . . Esses ministros navegam próximo demais à praia. Avancem eles para o mar alto, e lancem as redes onde estão os peixes". — *Evangelismo*, p. 59. "Nossos esforços não devem ser restritos a uns poucos lugares onde a luz se tornou tão abundante que chega a não ser apreciada". — *Test. Seletos*, vol. 3, p. 223.

Senhores pastores, vamos a outros lugares, vamos a povoações e cidades vizinhas, pois "os lugares em que a verdade nunca foi proclamada são os melhores para trabalhar" (*Evangelismo*, p. 21). Além disso, "nossos ministros não devem gastar seu tempo trabalhando pelos que já aceitaram a verdade. . . . Um lugar após outro deve ser visitado; uma igreja após outra, ser estabelecida. . . . E então, deve o ministro passar a outros campos igualmente importantes" (*Test. Seletos*, vol. 3, p. 82).

O Salvador viveu em Seu ministério um programa de Penetração. "Ele ia de casa em casa". O Salvador elaborou o primeiro projeto de Penetração. Ele anunciou o primeiro projeto de Penetração. Também disciplinou o projeto de Penetração: onde deveria começar, aonde deveria ir em seguida e até onde deveria penetrar. O primeiro projeto de Penetração chamou-se IDE. Três letras. Uma palavra de alcance abarcante. Nunca tanto foi dito em tão pouco. Portanto, IDE; portanto, PENETRAI. Penetrai em todo o mundo, alcançai cada pessoa.

Em Atos 1:8 está esboçado como deveria desenvolver-se o projeto de Pe-

**De Coração
a Coração**

netração elaborado por Cristo. Deveriam começar por Jerusalém, depois ir à Judéia e Samaria, e, em seguida, a Penetração deveria tomar caráter internacional, indo até aos confins da Terra.

Os discípulos e a igreja primitiva ficaram possuídos do mesmo espírito de Cristo. Eles executaram o projeto de Penetração na íntegra (Atos 5:32). Jerusalém encheu-se da doutrina. Multiplicava-se muito o número dos discípulos e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé (Atos 6:7).

A primeira fase estava cumprida. Demoravam-se, no entanto, em dar cumprimento à segunda etapa. A Mesa Administrativa reunia-se e postergava o avanço da Penetração. O tesoureiro não liberava as verbas. Os departamentos tinham muita orientação e pouca ação, muita instrução e pouca prática. Deus teve de intervir. "Levantou-se grande perseguição . . . ; e todos . . . foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria". Atos 8:1. Justo as duas áreas que compreendiam a região da segunda fase da Penetração. "Houve grande alegria naquela cidade". Atos 8:8.

Quando iremos alegrar os corações de milhares nas muitas cidades, bairros e aldeias de nossos distritos? Quando alguém chegou com o pedaço de pedra lá no altiplano, apresentando-se como enviado do Pastor Fernando Stahl, eles disseram: "TEMOS ESPERADO TANTO!" Há multidões esperando. Quando iremos? quando penetraremos? quando terminaremos?

A Penetração deveria tomar caráter internacional, indo até aos confins da Terra. Eles foram? Cumpriram sua missão? Que nos é dito? "Não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu". Col. 1:23. "Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui". Atos 17:6. "Dando ensino a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor". Atos 19:10. "Este homem é uma peste . . . por todo o mundo; e o principal defensor da seita dos nazarenos". Atos 24:5.

Que métodos usaram eles? que publicações? que folhetos? que cursos bíblicos? que programas radiofônicos? de 15 ou 30 minutos? usavam programas diários ou semanais? usavam "Fé Para Hoje" ou "Uma Luz no Caminho"? que títulos possuíam? que pós-graduações tinham eles? quais eram os

O Salvador viveu em Seu ministério um programa de Penetração. "Ele ia de casa em casa". O Salvador elaborou o primeiro projeto de Penetração. Ele anunciou o primeiro projeto de Penetração.

seus métodos? Atos 20:20; publicamente e de casa em casa. O testemunho cristão em público e nos lares eram os métodos usados por eles.

O Primeiro Empecilho

Crescendo a igreja, surgiram os primeiros problemas. Eles tomaram tal vulto que os homens ordenados para a pregação da Palavra eram desviados de seu santo mister. Os pastores já não davam estudos bíblicos, não tinham mais centros de pregação cada noite livre da semana. O sistemático programa devocional de estudo e oração estava sendo criminosamente negligenciado. Os homens separados pela imposição das mãos para serem pregadores estavam dedicando seu tempo a "servir às mesas". Eram agora grandes administradores da igreja. "Não é razoável tal procedimento", disseram os pregadores. Reuniram a comissão da igreja, corrigiram o mal, e voltaram a perseverar na oração e no ministério da Palavra. Tal decisão "contentou a toda a multidão".

Infelizmente, o que não era razoável para os cristãos primitivos já o é hoje, a despeito de todas as orientações divinas que nos foram transmitidas pelo Espírito de Profecia.

Paulo e seu Programa de Penetração

Bem pôde Paulo dizer: "Sede meus imitadores como eu sou de Cristo". Em sua abnegação, em seu zelo, fervor e amor pelos perdidos, ele seguiu o grande modelo: Cristo. Suas palavras são também sumamente válidas no seu programa pastoral e evangelístico de Penetração. Rom. 15:20: "E desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho". Paulo teve de lutar contra a tendência de ficar rodeando as igrejas já estabelecidas. Ele esforçou-se para não gastar todo o seu tempo com aqueles que já haviam aceitado a fé. Vencida essa tendência, Paulo saiu para pregar em lugares onde Cristo ainda não havia sido pregado. Saiu para anunciá-Lo onde ainda não fora anunciado.

Paulo deu início a seu programa de Penetração no mesmo local em que tivera seu encontro com o Salvador. Ele começou em Damasco. Seu evangelismo ali quase lhe custou a vida. Homens armados guardaram a porta da cidade. Foi descido num cesto. Dirigiu-se a Jerusalém, Antioquia, Chipre, Salamina, Pafos, Perge, Antioquia da Pisídia; foi a Icônio, Listra, Panfília;

penetrou em Filipos, Tessalônica, Atenas, Corinto, Éfeso.

Paulo planejava seu trabalho distrital. Várias vezes o encontramos expondo seu programa de Penetração. Ele tinha os olhos voltados para a Espanha (Rom. 15:24), e também desejava ir a Roma pregar a Cristo no centro do paganismo! Paulo escreveu ao presidente da Associação, dizendo: "Não tenho já campo de atividade nestas regiões". Rom. 15:23. Não havia mais campo de trabalho, não havia mais cidades, nem bairros, nem aldeias; penetrara em cada rincão de seu distrito. Escreveu pedindo um novo distrito: Dá-me a Espanha, Roma, etc.

O livro de Gálatas declara que Paulo era tão abnegado em seu programa de Penetração que passou 14 anos sem visitar a sede da Obra. Catorze anos sem aparecer no escritório! Há pastores que quase cada dia da semana têm de passar pelo escritório da Associação, como se não houvesse almas que estão morrendo sem Deus e sem esperança.

Passaram-se doze anos ou 4.380 dias. Paulo chegou a Jerusalém e manteve uma entrevista com o presidente da Associação. No dia seguinte, todo o pessoal burocrático foi reunido para o culto. Ali estava o presidente do Campo, o secretário, o assistente do presidente, o tesoureiro, o vice-tesoureiro, o vice do vice também estava, o contador, as secretárias, as vice-secretárias, os departamentais (alguns já com vários assistentes); ali estava a recepcionista, a telefonista, o caixa; ali estavam também os orientadores educacionais e matrimoniais, os assistentes sociais, todo o pessoal do departamento jurídico e da computação; havia o chefe do pessoal, com assistente e com toda a sua equipe; chegou também o pessoal da conservação, o vigia e o zelador. Eram mais de cem os que compunham o pessoal burocrático da Associação. Doze eram os que estavam pregando. Todos se achavam ansiosos para ouvir. Paulo relatou as vitórias do evangelho. Suas eletrizantes experiências missionárias. Falou dos açoites que recebera, das prisões, das ameaças de morte; falou dos apedrejamentos, dos naufrágios, das horas dentro do abismo, dos perigos nas viagens, nos rios, entre salteadores; falou dos perigos nas cidades, no deserto e, pior de tudo, entre os falsos irmãos.

Depois Paulo foi recebido pelo tesoureiro do Campo, e apresentou-lhe um sucinto relatório de viagens. Um relatório de 12 anos, um relatório de

Paulo planejava seu trabalho distrital. Várias vezes o encontramos expondo seu programa de Penetração. Ele tinha os olhos voltados para a Espanha (Rom. 15:24), e também desejava ir a Roma pregar a Cristo no centro do paganismo!

4.380 dias executando o projeto Penetração. Irmão tesoureiro — disse Paulo — vamos à depreciação. Nestes 12 anos romperam-se 24 sandálias: foram duas por ano. Isto porque para fazer economia algumas vezes eu andava sem sandálias. Auxílio médico: É verdade que estive com vários ferimentos que exigiam tratamento médico, porém havia tanto por fazer que não tive tempo de cuidar de mim mesmo. "Nunca tive minha vida por preciosa"; "Sempre estive pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer pelo nome do Senhor Jesus Cristo"; "De muito boa vontade me gastarei e me deixarei gastar . . . , ainda que amando cada vez mais seja menos amado".

O bom tesoureiro, acostumado à frieza dos números e das teclas dos computadores, emociona-se e diz:

— Pastor Paulo, em seu relatório não são mencionadas as diárias. Foram 4.380 dias de viagem!

— Sim, é verdade — responde o apóstolo. — Sabe, eu tinha cada dia algumas horas livres. Como sou um profissional em fazer tendas, eu gastava minhas horas livres — minhas segundas-feiras — confeccionando e fabricando tendas. Eu as vendia, e com o lucro pagava minhas diárias. Algumas igrejas também enviaram donativos que muito ajudaram nas despesas com as viagens pelo distrito. Sabe, irmão tesoureiro, as igrejas — nossos membros têm recursos. Eles podem realizar muito pela obra sem a necessidade de estarem solicitando algo da Associação.

Assim um homem chamado por Deus viveu sua experiência pastoral e evangelística. Ao estar perto da morte, pôde dizer: "Combati o bom combate" — combati em cada cidade de meu distrito; combati em cada povoação, vila e aldeia. Disse também: "Acabei a carreira". Cumpriu a missão que lhe foi confiada. Com a consciência tranqüila do dever cumprido, com a consciência tranqüila pelo fato de que não fora negligente e de que não contribuira para "atrasar a vinda do Senhor", Paulo descansou contemplando pela fé A COROA DA JUSTIÇA.

O mesmo convite do velho apóstolo continua sendo feito a todos nós: "SE-DE MEUS IMITADORES, COMO FUI DE CRISTO" ❧

Ética em Campanhas de Evangelização

O valor dos diferentes sistemas de evangelização tem sido louvado ou injuriado em alguma ocasião. Para cada departamento — e é lógico que assim suceda — os maiores segredos do êxito estão contidos nas suas disposições.

Provavelmente nenhum sistema tem suscitado mais polêmicas do que a evangelização pública em grande escala. Com freqüência essa campanha é considerada demasiado dificultosa e com frutos escassos no decorrer do tempo. Outros a têm defendido com entusiasmo.

Como melhorar o conceito geral que existe em relação às campanhas de evangelização pública? Sem dúvida, é o evangelista que tem em grande parte a solução do problema.

Creemos que todo evangelista, ao iniciar uma campanha evangelística, deveria levar em conta três objetivos:

1. GANHAR ALMAS.
2. FORMAR E INSPIRAR OBREIROS.
3. PRESTIGIAR A EVANGELIZAÇÃO PÚBLICA.

Se não lograr qualquer dos três, pode-se dizer que seu êxito não está sendo completo.

Recomendamos que seja dada atenção às sugestões enumeradas a seguir, as quais poderão ser intituladas: "Princípios de Ética na Evangelização".

I. Planificação Antecipada

A) Tenha uma relação por escrito de todos os pontos que deverão ser analisados e definidos com a administração do Campo e as pessoas envolvidas, com suficiente antecipação, ao iniciar a campanha.

B) Analise-os e defina-os com clareza, transpondo as decisões para o papel. Uma cópia deve ficar com o presidente e com quem tenha participado das deliberações, e outra com o evangelista. Não duvidamos da idoneidade moral de ninguém, mas sim da memória de muitos (incluindo a nossa).

C) Cumpra fielmente as decisões tomadas.

II. Condições Indispensáveis

Muitas campanhas têm fracassado

Como melhorar o conceito geral que existe em relação às campanhas de evangelização pública? Sem dúvida, é o evangelista que tem em grande parte a solução do problema.

Rubén Pereyra
Associação
Ministerial da DSA.

por falta de cuidado em planejar as condições materiais prévias, mínimas.

1) *Templo.* Nenhuma campanha deverá ser iniciada sem levar em consideração a certeza de contar com um lugar para as reuniões permanentes dos novos conversos. Batismos não acompanhados de teto e assento são quase sinônimo de apostasia. O "passar" de salão em salão com a congregação recém-convertida poderá trazer resultado fatal.

2) *Continuador.* Providencie um continuador entusiasta e capaz para depois de sua saída. É bom evitar que haja disparidade de personalidade demasiado marcante entre o continuador e o evangelista da série. Ele deverá participar de toda a campanha. Deve haver um plano bem definido quanto ao período mínimo de permanência desse obreiro no local, após a campanha. A troca de obreiros prejudicará a normal confirmação dos interesses. (Ver Seção III, B).

III. Participação do Evangelista

A) A simpatia pessoal é um elemento importante na evangelização e se pode explorar positivamente (quando existe). Essa simpatia pode ser, porém, uma arma de dois gumes. É prejudicial ao ser usada como meio para atrair e reter o público, ou quando tudo se baseia nessa simpatia. Nesse caso, ao retirar-se o evangelista, se acabará o ponto de atração e de atenção, e tudo se desmoronará. Não construa sobre si, e, sim, sobre Cristo e a mensagem. Que Cristo e a mensagem sejam vistos através de sua personalidade! (Ver *Evangelismo*, pp. 670 e 671: "A Personalidade do Evangelista"; e p. 630: "O Perigo da Lisonja").

B) *Relação com o Evangelista Associado*

O continuador deverá ter desde o início participação ativa nas reuniões. Devem ser-lhe dadas responsabilidades. O evangelista não deve monopolizar a atenção, mas dividi-la com seus colaboradores, e, em forma especial, com o que será o continuador da série. Este deverá ocupar às vezes o púlpito, enquanto o evangelista faz os anúncios

Evangelismo

ou executa as tarefas normalmente desempenhadas pelo associado.

Quando a participação do evangelista vai chegando ao fim, sua filosofia em relação ao associado deverá ser: "Convém que ele cresça e que eu diminua", obtendo assim uma transferência de simpatia para o continuador. Nas últimas noites que estiver presente, sua participação deverá ser bem discreta, e a do associado bem mais visível.

Embora isto seja agradável, o evangelista deverá impedir que seja feita uma festa ou reunião de despedida, a qual daria a idéia de que tudo chegou ao fim, com conseqüências funestas para a Causa. Se bem que seus talentos e a bênção de Deus lhe tenham dado êxito até aquele momento, esse sucesso extinguir-se-á se o trabalho não se firmar. O evangelista deverá orientar o associado e deixá-lo com toda autoridade e com todo apoio e simpatia possíveis, ainda que em detrimento de sua própria pessoa, se isto for necessário.

C) *Relação com a Equipe*

1) Obreiros:

a) É difícil, embora não impossível, conciliar a amizade e a confiança com a autoridade e a disciplina; porém, é indispensável fazê-lo. Deve evitar-se a excessiva familiaridade, cultivando, no entanto, uma real e profunda amizade com os membros do grupo.

Não se deve tratar os membros da equipe em forma ditatorial. Eles devem participar das deliberações e, se houver outra idéia melhor, o evangelista deverá abandonar sua própria idéia, embora essa outra provenha do membro mais humilde da equipe. Em vez de rebaixá-lo perante os seus colaboradores, isso o enaltecerá.

b) Deverá reconhecer o bom trabalho desenvolvido por eles e dar o crédito a quem o mereça. Isso também o elevará perante sua equipe.

c) Em virtude dos membros da equipe saírem a visitar os interessados, o público deverá ter o mais elevado conceito possível a seu respeito. Para tanto, o evangelista deverá falar deles publicamente com simpatia e reconhecimento. Não são simples serventes, mas colaboradores que por sua preparação têm profundo conhecimento dos temas tratados nas conferências. De vez em quando, deverá solicitar que sua equipe venha à frente com ele, e pedir ao público um aplauso de agradecimento a esse esforçado grupo de colaboradores, sem os quais seria impossível realizar o trabalho que está sendo feito. Poderá fazê-lo separadamente, começando pelo encarregado da ordem, cuja

O continuador deverá ter desde o início participação ativa nas reuniões. Devem ser-lhe dadas responsabilidades. O evangelista não deve monopolizar a atenção, mas dividi-la com seus colaboradores, e, em forma especial, com o que será o continuador da série.

tarefa é tão importante para o êxito da campanha; ou pelo que projeta os filmes, que tão gratos momentos nos fazem passar, etc., etc.

d) Logicamente, a equipe espera franqueza e lealdade de seu chefe, como ele espera deles também. Lembremos de que o amor gera amor, o ódio gera ódio, e a sinceridade gera franqueza. "Nós amamos porque Ele nos amou primeiro" (I S. João 4:19) é a lei da vida.

e) *Evite tensões.* O evangelista dará a norma do ambiente emocional que dominará a equipe. Mantenha a calma, a paciência e a serenidade em qualquer circunstância adversa.

2) LEIGOS:

Nas grandes campanhas geralmente se tem prescindido dos leigos, mas não devem ser marginalizados por nenhuma razão. Se o fizermos, eles não considerarão o trabalho de seu interesse; os batismos serão "do evangelista" ou da equipe, e, mais tarde, eles provavelmente serão indiferentes às possíveis apostasias ou aos problemas dos batizados. Deverão estar plenamente identificados com o trabalho, e, para isso, é mister que sejam participantes da planificação ativa em toda a campanha e que se lhes conceda o crédito que merecem quando o êxito coroa os esforços.

D) *Relação com Outros Evangelistas*

O evangelista pode analisar objetivamente os métodos usados por outros colegas, porém, jamais se permitirá a liberdade de criticá-los subjetivamente. Diminuir a outros para enaltecer a si mesmo é péssima política, e afinal de contas não beneficiará nem a um nem ao outro. Fale sinceramente das virtudes dos outros, e as suas ressaltarão. Se não pode falar de virtudes que não existem, a solução será o silêncio. "Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos". Este versículo está precedido pelo que diz: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo", e seguido pelo que declara: "Andai no Espírito" (Gálatas 5:14-16) — dois excelentes princípios de ética ministerial.

E) *Relação com a Administração*

Toda campanha envolve problemas financeiros que podem produzir atritos. Trate de manter boa relação com a administração, tornando claro o que deve ser esclarecido, dizendo o que deve ser dito à pessoa correspondente, porém, sempre de tal modo que a obra de evangelização que você representa não seja prejudicada.

IV. Relatórios

"Cifras evangelísticas" é uma expressão bem conhecida em nosso meio. Significa números avultados, irrealis. Lamentavelmente, às vezes se compreende e justifica essa atitude. Isso não deveria ocorrer em relação a uma tarefa tão sagrada como é o Ministério da Reconciliação. Um exame objetivo dos dados antes de publicá-los nos beneficiará, e beneficiará também a causa da evangelização.

V. Gastos

Gaste o necessário e disponível. Faça economia. Todo gasto supérfluo deverá ser evitado. De modo especial, cuide de que tudo o que se relaciona com as finanças fique bem claro. Nesse mar têm naufragado muitos evangelistas. Seja cuidadoso nos gastos e mantenha uma contabilidade exata.

VI. Autoridade Moral e Espiritual

"Não é um orador excepcional, mas seu êxito consiste em que vive o que prega", foi a explicação que a senhora de um pastor deu do êxito de uma campanha, referindo-se ao evangelista. Ninguém é perfeito, mas deverá haver compatibilidade entre o testemunho audível e o visível que o evangelista

Não se deve tratar os membros da equipe em forma ditatorial. Eles devem participar das deliberações e, se houver outra idéia melhor, o evangelista deverá abandonar sua própria idéia, embora essa outra provenha do membro mais humilde da equipe.

apresenta. "O evangelho que apresentamos para salvar almas deve ser o mesmo que aquele por meio do qual nossas almas têm sido salvas".

VII. "Coração de Pomba e Pele de Elefante"

Finalmente, usamos uma expressão alheia: "O evangelista deverá ter coração de pomba e pele de elefante"; ou, mais poeticamente, aplicando ao evangelista o que disse Ramón Angel Jara, falando da mãe: "Sendo vigoroso, se estremece com o gemido de uma criança; sendo débil, se reveste às vezes da bravura de um leão".

O evangelista deverá ser sensível à necessidade e à dor alheia, mas frio quando se trata de sua própria dor ou de sua própria necessidade. Não pode dar-se ao luxo de compadecer-se de si mesmo, porque dele se exige valor e entusiasmo a toda a prova. As críticas devem levá-lo a uma estrita auto-análise, mas jamais ao abatimento ou ao desânimo.

Isso somente se logrará com uma profunda convicção da origem de sua mensagem e a certeza de que o "Princípio dos pastores" cumpre cada dia e a cada instante Sua promessa: "Eis que estou convosco até o fim do mundo".

A Missão da Igreja

1. A igreja foi chamada à existência para fins missionários. Por conseguinte, toda a sua vida e liturgia, toda a sua obra e culto tem um objetivo missionário, se não uma dimensão missionária. A missão é a própria razão de ser da igreja. Os membros da igreja, isto é, as pessoas a quem Deus, por meio do Espírito Santo, chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, são reivindicados por Ele como Sua propriedade exclusiva a fim de proclamarem Sua glória (ver I S. Ped. 2:9). Todos os que aceitam a Cristo são incumbidos de trabalhar pela salvação de seus semelhantes. Ao fazerem os sagrados votos da igreja (*sacramentum*), os membros comprometem-se irrevogavelmente a serem cooperadores de Cristo. A missão é a insígnia de ser cristão e membro da família de Deus.

Gottfried Oosterwal
Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews.

A missão da igreja é participar na própria missão de Deus.

Sendo ela mesma o fruto da missão de amor da parte de Deus, a igreja é a instrumentalidade divina para a salvação dos homens e o meio para levar o evangelho a todo o mundo e reunir pessoas de todas as nações na única casa de Deus, uma imagem viva dEle, a qual reflete Sua plenitude e suficiência mediante o amor, o serviço e o viver piedoso.

2. *A missão de Deus é Sua maneira de lidar com o problema do pecado e seu poder destruidor.* Antes da entrada do pecado no mundo, houve uma revolta no Céu contra o governo de Deus. Em oposição ao reino de Deus, a Suas leis e princípios, Satanás estabeleceu o seu próprio reino. Foi ele também que enganou a nossos primeiros pais

O Pastor

— cuja queda ocasionou a morte de todos os homens (I Cor. 15:22) — e continua a instigar as pessoas a desobedecerem a Deus (Gên. 3; Efés. 6:11; I S. Ped. 5:8). Nada na criação está fora de seu poder maligno. O resultado é pecado e sofrimento, decadência e morte. Mas Deus, que não quer que ninguém sofra ou pereça (Êxo. 18:23; S. João 3:16 e 17; II S. Ped. 3:9), enviou Seus anjos e o Espírito Santo para proteger os homens e guiá-los; Ele envia ajuda e redenção (Sal. 20:2; 111:9); envia homens para que sejam uma bênção a outros, e Seus profetas para tornar-Se conhecido como realmente é. Nosso Deus é um Deus missionário, O qual amou o mundo de tal maneira que enviou Seu Filho unigênito para reatar as relações interrompidas e estabeleceu Seu *shalom*. A igreja é tanto um sinal como um instrumento dessa concludente atividade de Deus.

3. *O objetivo da missão de Deus, na qual a igreja é convidada a participar, é efetuar a restauração de Seu reino.* O diabo e seu domínio serão destruídos, e abolidos o pecado e a morte. As forças do mal que separam o homem de seu Criador e que o desumanizam, serão aniquiladas. O homem será recriado à imagem de Deus, e O amará e honrará movido por sua própria e espontânea vontade. Os princípios e as leis do reino de Deus serão vindicados e todo o Universo será redimido “do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rom. 8:21).

Esse objetivo da missão de Deus — a restauração de Seu reino — dificilmente poderá ser salientado em demasia. Com essa mesma finalidade, Deus enviou a Jesus, cuja vida e missão constituem o modelo de toda missão. Foi com essa mesma finalidade que Cristo trouxe a igreja à existência. Toda função, toda instituição e toda atividade da igreja só têm significado e o direito de existir se convergem para esse objetivo. Nenhuma igreja, portanto, tem permissão para fixar alvos que se centralizem em si mesma, em seus membros ou em suas doutrinas. O grandioso objetivo divino e o papel da igreja como serva profítem a maneira eclesiocêntrica de encarar a missão. Também deveriam evitar que baseássemos nossos alvos meramente na ação social: livrar o mundo da fome, da doença, da pobreza ou da injustiça social a fim de estabelecer uma cultura cristã. O reino de Deus não é o mesmo que um mundo melhor. Além disso, o pecado transforma os homens constantemente em rebeldes. Nosso alvo também não pode

Nosso Deus é um Deus missionário, O qual amou o mundo de tal maneira que enviou Seu Filho unigênito para reatar as relações interrompidas e estabeleceu Seu SHALOM. A igreja é tanto um sinal como um instrumento dessa concludente atividade de Deus.

consistir meramente na libertação de almas individuais e no estabelecimento de igrejas.

Indubitavelmente, a missão de Deus é sempre buscar e salvar o perdido (ver S. Luc. 19:10), mas o reino de Deus não é igual ao total dos conversos; abrange muito mais do que tais atos de salvação. Afinal de contas, a missão centraliza-se em Deus, e não no homem.

Esses dois objetivos — a libertação dos homens, do pecado, e a luta contra a doença, a fome, a injustiça e os males da sociedade — são aspectos do grande conflito entre Cristo e Satanás, sendo portanto realmente uma parte e um indício da atividade missionária de Deus. Mas está em jogo muita outra coisa. Todos esses objetivos diferentes precisam ser encarados sob a perspectiva mais ampla e universal da completa restauração do reino de Deus. “Buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. S. Mat. 6:33.

4. *A missão de Deus se cumpriu no envio de Seu Filho, Jesus Cristo.* Por meio de Sua vida e morte foi estabelecido o reino. “Chegou o reino” é a mensagem de todo o Novo Testamento. Durante Seu ministério terrestre, Cristo desmascarou a Satanás e revelou que seu caráter era o de um mentiroso e assassino (ver S. João 8:44). Deus enviou Seu Filho para que destruísse as obras do diabo, e Ele realmente derrotou a este último (ver S. Luc. 10:18). Nos sofrimentos e na morte de Cristo foi manifestada a verdadeira natureza do pecado. Mas eles revelaram ao mesmo tempo o verdadeiro caráter de Deus e os fundamentos de Seu reino: amor, liberdade, justiça e obediência. As relações dos homens com Deus e uns com os outros têm sido restabelecidas. A igreja é chamada para ser uma viva evidência desse grande *shalom*, dessa nova relação de paz e reconciliação, de integridade, bem-estar e justiça (ver Rom. 14:7; II Cor. 5:19).

Cristo realmente deu fim ao pecado e tem quebrado o seu poder, até mesmo o poder da morte. Ele expiou a iniquidade e removeu a culpa do homem (ver S. João 1:29; Rom 8:3; cp. Isa. 53; Dan. 9:24). O acusador dos irmãos é derribado. Agora é a hora de vitória para o nosso Deus, a hora de Sua soberania e poder (ver Apoc. 12:7-10). Para a igreja, não resta outra coisa senão *revelar esses fatos* a todo o mundo, mediante a proclamação, o serviço e o companheirismo, e *instar* com as pessoas pelas quais Cristo morreu, isto é, os

hindus, budistas, maometanos e as pessoas de crenças primitivas, bem como os cristãos de nascimento, os seculares e os comunistas, para que aceitem este evangelho e aproveitem os seus benefícios.

Essa missão requer uma decisão, a qual envolve o batismo e a adesão à igreja de Deus. A não ser, portanto, que estejamos "mercadejando a Palavra de Deus", a missão torna-se para alguns "aroma de vida" e para outros "mau cheiro que mata" (BLH) (II Cor. 2:15-17; Rom. 1:16-24). Ninguém ao qual o Senhor tem atraído para a Sua maravilhosa luz está isento de participar nessa missão, quer como missionários assalariados ou como missionários que fabricam tendas, quer como missionários não assalariados, que constituem o maior cabedal da igreja de Deus no mundo hoje em dia. O amor de Deus não nos confere outra alternativa (ver II Cor. 5:14). Quando este evangelho do reino houver sido pregado por todo o mundo, virá o fim (ver S. Mat. 24:14). Missão, portanto, sempre é preparação para a volta de Cristo e a completa realização de Seu reino.

5. *Em Sua atividade de enviar, Deus sempre tem em vista o mundo todo.* A missão da igreja, portanto, está diretamente relacionada com a compreensão de que o mundo todo é o objeto do amor de Deus e de que a igreja é escolhida como conduto da graça de Deus para todos os homens. Por conseguinte, se Deus escolhe certas pessoas e lhes concede revelações especiais de Sua glória, verdades ou bênçãos especiais em qualquer outra forma, isso é sempre uma *eleição para serviço*.

A história da missão de Deus na Terra, entretanto, está repleta de malversações humanas da eleição e, como resultado, tem sido prejudicada a restauração do reino de Deus. Esta foi a causa do fracasso de Israel. Ele abrigou a idéia da eleição em seu próprio benefício e para sua exaltação como igreja de Deus. E, conseqüentemente, Israel fracassou por recusar cumprir o papel de servo de Deus em missão. Excluiu-se do mundo, o objeto da missão de Deus. Deus trouxe então à existência outro povo, igualmente uma nação santa e um sacerdócio real, para proclamar os triunfos d'Aquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz (ver I S. Ped. 2:9 e 10).

Conquanto a missão da igreja difira em muitos aspectos da de Israel, o conceito de missão no Novo Testamento não pode ser compreendido à

Por sua reação à Luz, ao Caminho e à Verdade, os homens manifestam o que são, proferindo assim seu próprio julgamento. "Quem nEle crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus".

parte do Velho Testamento. E o que Deus pretendia fazer para o mundo por meio de Israel Ele o realizará por intermédio de Sua igreja hoje em dia. Seria bom, porém, que nos lembrássemos de que todas essas coisas ocorridas no passado foram escritas para o nosso ensino e advertência (ver Rom. 15:4; I Cor. 10:11). O perigo de que a igreja siga as pegadas do Israel antigo é muito real no tempo presente.

A igreja é chamada para ser "o sal da Terra" (S. Mat. 5:13). Só pode desempenhar essa função quando seus membros se dispersam por todo o mundo, misturando-se com o povo e envolvendo-se em suas atividades, para assim temperar e salvar, purificar e julgar o mundo. Isso não significa que a igreja se torna semelhante ao mundo, como muitos afirmam, pois, "se o sal vier a ser insípido, . . . para nada mais presta"; significa, porém, que a missão de Deus sempre é realizada mediante a Encarnação. Nenhum programa, instituição ou satélite de comunicação realizará grande bem se o mundo não vir o evangelho de Cristo exemplificado pela vida diária de Seu próprio povo, do modo pelo qual solucionam seus próprios problemas e os da sociedade, no serviço a seus semelhantes e na genuína comunhão cristã da comunidade da fé.

Também não é cumprida a missão da igreja quando ela meramente transpõe fronteiras geográficas. O mundo é um mosaico colorido de diversos agrupamentos: sociológicos, econômicos, políticos, culturais, lingüísticos, religiosos, consangüíneos, raciais e geográficos. Toda fronteira, seja qual for a sua espécie, tem de ser atravessada no cumprimento da tarefa missionária. E a igreja deve apresentar o evangelho aos homens na condição em que vivem atualmente, lembrando-se em todo o tempo de que esses agrupamentos e cenários se alteram continuamente.

6. *A missão de Cristo não terminou na cruz.* O próprio fato de que Cristo, depois de Sua ressurreição e só então, enviou Seus seguidores a todo o mundo, para tornarem conhecidas as boas-novas, é uma evidência de que o reino de Deus ainda não se realizou completamente. E a concessão do Espírito Santo após a ascensão de Cristo demonstra a mesma coisa.

Alguns, portanto, têm inferido que Jesus fracassou em Sua missão. Mas isso é uma compreensão errônea do evangelho. O reino chegou; Cristo cumpriu a missão de Deus (ver S. João

17:4; 19:30). Outros têm deduzido que o reino de fato chegou, mas precisa concretizar-se agora no coração e nas atividades de todos os homens. A missão da igreja, segundo pensam eles, é a expansão do reino que foi estabelecido, como uma pequena semente que se transforma numa árvore bem desenvolvida. Outro grupo afirma que a missão mundial começou como reação da parte de um grupo decepcionado de seguidores judeus, após a morte de Jesus. Alegam que a missão cristã e toda a igreja daí resultante principiaram como um movimento crítico.

Um Debate Contínuo

O debate prossegue de maneira calorosa. Em oposição aos que asseveram que o reino de Deus já se cumpriu plenamente em Cristo e no Pentecostes, há os que afirmam que todo ele ainda está no futuro. Uma escola de pensamento encara a missão cristã como o próprio fator que produzirá o reino de Deus, enquanto uma outra considera a própria missão como a evidência desse reino. Ouve-se dizer que a missão deve ser desmistificada, e não poucos têm a opinião de que ela deve ser abandonada completamente.

Todas essas escolas de pensamento evidenciam a tensão inerente ao Novo Testamento, em especial nos ensinamentos de Jesus. Não podemos livrar-nos dessa tensão. Por conseguinte, é importante que nos apeguemos ao Cristo integral e a Sua missão total. As Escrituras tornam bem claro que Ele veio estabelecer definitivamente o reino de Deus. Mas elas também nos ensinam com a mesma clareza que Cristo, após a ascensão, teria de cumprir outra parte de Sua missão, antes que pudesse voltar para efetuar a realização completa do reino, quando será destruído todo principado, bem como toda potestade e poder (ver I Cor. 15:12-27).

A compreensão da contínua missão de Cristo no período situado entre Sua ascensão e Sua volta constitui o *sine qua non* do correto conceito de missão por parte da igreja. Pois a missão da igreja não é outra senão imitar toda a missão de Jesus Cristo e tomar parte nela. Caso se baseie unicamente na obra consumada por Cristo, a missão da igreja perde sua direção e é destituída de sua urgência. No passado isso conduziu à inércia na missão e tendeu a humanizar as atividades da igreja. Mas, por outro lado, a missão cristã que se concentra somente no aconte-

A disciplina deve ser interpretada como discipulado nutriente, e a obediência à santa lei de Deus como fruto da nova relação com Deus.

É Cristo atuando em nós, para que não continuemos em pecado.

cimento futuro não tem os fundamentos históricos que constituem a própria garantia de que nossa esperança e expectativas se cumprirão. Tal missão conduz freqüentemente a fanatismo, a entusiasmo antiescriturístico e a expectativas exageradas que deixam a igreja em grande desespero. Somente quando nossa missão se baseia na obra consumada por Cristo e encontra seu poder, visão e orientação na atual atividade de Cristo por meio do Espírito Santo, é que a igreja conseguirá realizar sua tarefa. A missão, portanto, torna-se uma contínua preparação para a segunda vinda de Cristo, sem ser abalada se a consumação imediata do reino não ocorrer amanhã. Aguardaremos e apressaremos, porém, a "vinda do dia de Deus" (II S. Ped. 3:12).

7. *Cristo está em atividade nos "lugares celestiais"*. Essas atividades, que constituem a própria fonte e poder de nossa missão, podem ser descritas sob três títulos:

- a) Cristo como Senhor e dominador de todas as coisas;
- b) O ministério de Cristo como nosso Mediador e Sumo Sacerdote; e
- c) Sua obra de Julgamento.

Cristo Como Senhor

a. *Cristo como Senhor* (ver I Cor. 8:5 e 6; 12:3; Efés. 1:19-23; Filip. 2:9-11; Apoc. 17:14). Foi-Lhe conferida plena autoridade. É com base nesse poder que Cristo nos envia a todo o mundo (ver S. Mat. 28:18 e 19). Sem a autoridade de Cristo não haveria missão da igreja. A contínua execução da soberania de Cristo no mundo, um ponto focal na discussão teológica contemporânea, não deveria ser definida de maneira demasiado restrita.

Ela significa, por outro lado, o domínio de Cristo sobre os que crêem nEle. Ele vive neles e lhes dá poder para continuarem sendo vencedores. Cristo defende Sua igreja e prepara o caminho para Sua missão. Cortinas políticas, barreiras sociais e entraves legislativos seriam obstáculos intransponíveis à missão se Cristo nosso Senhor não fosse nosso Chefe missionário. Ele ainda consegue passar através de portas fechadas e por Sua palavra acalma as tormentas e as ondas agitadas. E onde a igreja, em seu empenho missionário, depara com a oposição, Cristo está continuamente proporcionando oportunidades para trabalho eficaz (ver I Cor. 16:9).

Por outro lado, o domínio de Cristo também se estende a todos os negó-

cios deste mundo. Toda a História está em Suas mãos. Quer se trate de guerras ou revoluções, de alterações tecnológicas ou de poder econômico, Cristo está acima disso tudo e sempre assume a direção. Denota falta de fé e compreensão errônea da missão de Cristo no Céu pensar que este mundo ainda precisa estar sujeito a outros poderes. Com efeito, é unicamente em virtude da misericórdia de Deus manifestada em Sua soberania, através da missão, que Ele ainda não deu fim a esses poderes do mundo. Mas a missão da igreja está conduzindo irrevogavelmente a esse fim. As paredes da História só se mantêm separadas pela missão.

Uma vigorosa descrição dessas atividades de Cristo no santuário celestial é dada no Apocalipse. João vê todos os poderes de Cristo voltados para o grandioso alvo da missão: A restauração do reino de Deus. É nessa grande missão de Cristo que a igreja é convidada a participar por meio de obediência, testemunho fiel, serviço humilde e amor.

Cristo Como Nosso Mediador e Sumo Sacerdote

b. Quando Cristo ascendeu ao Céu a fim de ser coroado Senhor dos senhores e Rei dos reis, Ele também entrou ali para ser ungido como Sumo Sacerdote e para comparecer diante de Deus *por nós* (ver Heb. 4:14; 9:24). Estêvão viu a Cristo em pé ali como Filho do homem (ver Atos 7:56) e João viu-O como o Cordeiro (ver Apoc. 5). Tudo isso nos ensina novamente que não há missão sem encarnação e sacrifício, humilhação e sofrimento.

Essa atividade de Cristo como Sumo Sacerdote é uma obra de reconciliação. É verdade que Ele cumpriu Sua missão de reconciliação na Terra pelo sacrifício de Si mesmo. Mas a singularidade e o caráter decisivo desse sacrifício não é uma finalidade sem continuação, nem uma singularidade estática. Nosso grande Sumo Sacerdote vive sempre para fazer intercessão (ver Heb. 7:25); Cristo, O qual morreu na cruz por todos os homens, continua a pleitear a nossa causa (ver Rom. 8:27 e 34; I S. João 2:1). O livro de Hebreus realça enfaticamente que Cristo ofereceu-Se a Si mesmo uma só vez, mas também declara enfaticamente que Ele continua o Seu ministério no Céu a fim de completar Sua missão de reconciliação. Isso é deveras importante para compreendermos a missão,

Ao se tornarem participantes da justiça de Cristo, e se o seu caráter estiver em harmonia com o caráter e o propósito de Deus, seus pecados serão perdoados e eles mesmos serão considerados dignos da vida eterna.

com base na doutrina amplamente aceita da pessoa de Cristo.

O Sistema Sacrificial do Velho Testamento

Uma chave para a compreensão da missão de reconciliação por parte de Cristo, após a ascensão, pode ser encontrada no sistema sacrificial do Velho Testamento, a sombra e o antítipo da realidade celestial. No Velho Testamento, a expiação era efetuada pelo derramamento de sangue. Para completar, porém, a reconciliação entre o pecador e Deus era necessário algo mais do que a simples imolação do sacrifício. Acima e além disso, abrangia a *aplicação* do sacrifício expiatório e a *apropriação* de seus benefícios pela fé. Uma parte essencial do ritual, portanto, era levar o sangue para o lugar santo e aspergi-lo sobre o altar.

O objetivo do concerto não era meramente a expiação do pecado — realizada pela morte do sacrifício — mas também o restabelecimento da união entre o homem pecaminoso e Deus. (Uma clara ilustração desse duplo aspecto da reconciliação encontra-se em Deuteronômio 21:1-9, onde é apresentada uma lei no tocante à expiação de um assassino desconhecido.) Assim é com a missão de Cristo: O objetivo não é apenas a expiação de pecados, mas a completa reconciliação entre Deus e cada pecador individual. Na cruz Cristo removeu o obstáculo à reconciliação. Mas é igualmente necessário que Ele, depois de haver derramado o Seu sangue, o apresente diante do trono de Deus, fazendo ali uma aplicação de Seu sacrifício expiatório. (Ver o uso que o apóstolo Paulo faz dos termos *katalage* e *hilasmos*.)

É nessa missão de reconciliação que Cristo nos alistou (ver II Cor. 5:18); primeiro, para proclamar a todo o mundo o grandioso acontecimento do sacrifício consumado por meio do qual foi removido o obstáculo para a reconciliação do homem; e, em segundo lugar, mas igualmente importante, para instar com as pessoas de todas as nações, culturas, tribos e religiões para que se acheguem confiadamente junto ao trono de Deus onde Cristo nosso Sumo Sacerdote está fazendo agora uma aplicação de Seu sacrifício por nós (ver Heb. 10:19-22). A missão de reconciliação da igreja jamais será completada, portanto, simplesmente com a proclamação. Deve requerer, da parte dos ouvintes, a decisão de se apropriarem pela fé dos benefícios da obra de Cristo por eles. "E nós, na

qualidade de cooperadores com Ele, também vos exortamos a que não recebeis em vão a graça de Deus". II Cor. 6:1.

Conquanto não possamos explicar cabalmente a natureza do ministério sacerdotal de Cristo, foi-nos revelado o suficiente para sabermos ao certo que Ele é nosso *Intercessor* (Rom. 8:34; Heb. 7:25), nosso *Advogado* (I S. João 2:1) e nosso *Mediador* (I Tim. 2:5). Indubitavelmente, essa obra intercessória de Cristo em favor do homem é tão essencial para o cumprimento de Sua missão de restauração e reconciliação como foi Sua morte sobre a cruz.

A igreja também não pode ser negligente no tocante ao aspecto de sua missão. Esta última sempre abrange, portanto, o chamado ao arrependimento (ver Atos 2:37-39), a andar na novidade de vida que resulta da conciliação do homem com Deus, e a uma vida consagrada e santificada, para que sejamos perfeitos e santos na presença de nosso Deus e Pai quando o Senhor vier (ver I Tess. 1:9 e 10; 3:13; 4:16). Isso faz com que o ensino de padrões de conduta, disciplina e obediência à santa lei de Deus seja uma parte essencial da missão da igreja. Esses padrões de conduta deveriam ser elaborados e apresentados de tal maneira que possam ser aceitos como autêntica e imprescindível reação ao evangelho de Cristo. A disciplina deve ser interpretada como discipulado nutriente, e a obediência à santa lei de Deus como fruto da nova relação com Deus. É Cristo atuando em nós, para que não continuemos em pecado (ver I S. João 4:9-21; 5:1-5).

A Obra de Julgamento por Parte de Cristo

c. A missão de Cristo no santuário celestial — e, mediante Sua igreja, Sua missão na Terra — não prosseguirá para sempre. "Ele precisa ficar no Céu até chegar o tempo em que todas as coisas serão renovadas, como Deus anunciou há muito tempo pelos Seus santos profetas". Atos 3:21, *BLH*. A missão da igreja conduz à volta de Cristo, quando será completamente restaurado o reino de Deus. Este é o terceiro e último ato de Cristo em que a igreja é convidada a participar: a obra do julgamento.

Nas Escrituras, essa obra de julgamento não é algum evento novo e sombrio ou que esteja isolado das outras atividades da missão de Cristo. Não disse Ele que foi enviado ao mundo

Agora é o tempo em que a missão de Deus está sendo cumprida. Estamos vivendo de tempo emprestado. É a missão de Cristo por meio de Sua igreja na Terra que impede que desabem as paredes da História.

para juízo? (Ver S. João 9:39.) O significado dessas palavras é claro: Cristo viera restaurar a vista dos cegos e alimentar os famintos, libertar os cativos e trazer justiça aos oprimidos; com Ele iniciara-se uma nova ordem, a qual não procedia deste mundo. Naturalmente, porém, Suas leis e princípios estão em grande desacordo com a ordem social existente, em que avultam o egoísmo e a anarquia e em que os ricos e altivos assumem o controle. Para essas pessoas, a restauração do reino divino é um acontecimento que infunde pavor: "Derrubou dos seus tronos os poderosos... e despediu vazios os ricos". S. Luc. 1:52 e 53. Disse Jesus: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso". S. João 12:31. Isto sucedeu na cruz. Mas, embora o julgamento começasse na cruz, não terminou ali, como crêem alguns. A hora do juízo, quando se tornar definitiva a discriminação entre os que têm a fé de Jesus e os que recusam obedecer a Sua Palavra, não ocorreu então (ver Atos 24:24; II Cor. 5:10; Heb. 9:27; II S. Ped. 2:4). Esse julgamento final é, porém, a consequência direta da encarnação, da morte e da ressurreição de Cristo.

Por sua reação à Luz, ao Caminho e à Verdade, os homens manifestam o que são, proferindo assim seu próprio julgamento. "Quem nEle crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus". S. João 3:18-21. A missão cristã sempre conduz a essa discriminação (*Krisis*) entre os que crêem em Cristo e guardam Seus mandamentos, e os que não o fazem.

A missão da igreja não é realizada quando ela meramente proclama ou anuncia. Devemos instar com as pessoas para que se arrependam e abandonem os seus pecados e depositem a confiança em Cristo. "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito, por meio do corpo". II Cor. 5:10. Ver também Rom. 2:6; I S. Ped. 1:17. Quanto mais nos aproximarmos do fim do tempo, tanto mais claro e definido será esse processo de joiramento (ver S. Mat. 13:36-43). A aceitação de Cristo ou a rejeição de Seu amor serão definitivas. É surpreendente quão pouca atenção está sendo dada a esse aspecto da missão de Cristo, tanto na literatura missionária como teológica. As Escrituras, no entanto, têm muito que dizer a esse respeito. O julgamento final é um as-

pecto essencial e inalienável da missão de Cristo e um dos mais fortes incentivos para nossa missão nestes últimos dias.

O Juízo Tanto no Velho Como no Novo Testamento

Tanto o Velho como o Novo Testamento fazem alusão a semelhante atividade especial de julgamento por parte de nosso Sumo Sacerdote no Céu. No livro de Hebreus é apresentado um relato pormenorizado do serviço de Cristo que culmina na total purificação e consagração do povo de Deus. Depois disso, tendo "aniquilado" o pecado, Cristo "aparecerá segunda vez" para trazer salvação "aos que O aguardam" (Heb. 9:26-28).

A atividade de Cristo pouco antes de Sua volta, a saber: o cancelamento do pecado e a discriminação final entre os justos e os pecadores, também é atestada por Pedro em Atos 3:19-22 e pelas parábolas de Cristo (ver S. Mat. 18:23-25; 22:1-14). No ritual do Dia da Expição é apresentado com clareza outro quadro da obra final de nosso Sumo Sacerdote (ver Lev. 16). O profeta Daniel descreve as atividades finais no Céu sob o aspecto de um tribunal em sessão (ver Dan. 7:9 e 10); e outros profetas — como Joel e Zacarias — descrevem essas cenas à sua própria maneira.

Isto, porém, está bem claro: Há uma "hora do Seu juízo" (ver Apoc. 14:7) que está terminando a missão de Cristo e de Sua igreja. A sentença será divulgada — o profeta declara que os livros foram abertos — às miríades e miríades de seres. Isto significa que será definitiva. Não poderá ser alterada. Todos os que se arrependem do pecado e reivindicaram pela fé o sangue de Cristo como seu sacrifício expiatório terão o perdão apostado a seus nomes nos livros do Céu. Ao se tornarem participantes da justiça de Cristo, e se o seu caráter estiver em harmonia com o caráter e o propósito de Deus, seus pecados serão perdoados e eles serão considerados dignos da vida eterna. Os que rejeitaram a Cristo morrerão, em seus pecados, sendo destruídos junto com a morte e o diabo.

8. *A profecia indica que essa etapa final da missão de Cristo já começou.* Agora é o tempo em que a missão de Deus está sendo cumprida. Estamos vivendo de tempo emprestado. É a missão de Cristo por meio de Sua igreja na Terra que impede que desabem as paredes da História.

Essa última etapa da obra de Cristo

Em sua missão, a igreja deve evitar tanto o confessionalismo como o ecumenismo erroneamente concebidos.

no santuário celestial suscitou um avivamento missionário na Terra que não teve equivalente desde o começo da igreja. Surgiram novas sociedades missionárias em toda parte do mundo cristão; milhares e milhares de missionários partiram das praias da América do Norte e da Europa e reataram aos habitantes de sua respectiva pátria numerosas conversões em todas as partes do mundo. Essa grande e rápida expansão missionária constitui uma evidência de que o próprio Cristo é o Dirigente missionário. Por intermédio de Seus representantes na Terra, Ele está concluindo Sua missão. Não cometamos um erro neste sentido, pois o extraordinário avivamento religioso e evangélico, a expectativa universal de que o Rei virá em breve, e a repentina ascensão das sociedades missionárias — sendo tudo isso um característico da primeira metade do século dezoito — não foram meramente o resultado de fatores sócio-econômicos ou psicológicos, como muitos querem que creiamos. São o resultado direto da obra de Cristo. Toda a missão tem sua origem nEle. É Ele quem envia e incentiva as pessoas, atuando nelas e inspirando tanto o querer como o realizar para o cumprimento do Seu desígnio (ver Filip. 2:13). E esse desígnio é claro: completar Sua missão e restaurar o reino.

A Origem da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Foi essa convicção de que Cristo iniciara a derradeira etapa de Sua missão, isto é, a restauração de todas as coisas mediante Sua obra de julgamento, que trouxe à existência a Igreja Adventista do Sétimo Dia, agora o movimento missionário protestante mais difundido no mundo. Estas pessoas crêem que Deus as chamou para participarem da própria missão de Cristo de preparar o mundo para Sua volta iminente. Sua missão é apresentar o evangelho de tal maneira, por meio de abrangente empenho missionário, que todas as pessoas sobre a Terra encarem a Cristo como seu Salvador, Senhor e Juiz e se preparem para Sua breve volta. Isso não é o ensino de um conjunto de doutrinas, mas uma missão de restauração: a restauração da imagem de Deus no homem e a eliminação do pecado; a restauração da santa lei de Deus e de todos os princípios de Seu reino; a vindicação da soberania de Deus e a derrota de tudo que é mau, rebelde e perverso.

Não há lugar para trivialidades. Es-

sa missão requer que a igreja vá a todas as partes do mundo e impele os crentes a transporem todas as fronteiras: sócio-geográficas, culturais, políticas e religiosas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia não insiste em afirmar que Cristo só pode tornar-Se conhecido mediante o testemunho dessa igreja, mas não pode confiar a outros a responsabilidade que Cristo lhe atribuiu. Os adventistas "reconhecem toda instrumentalidade que enaltece a Cristo diante dos homens como parte do plano divino para a evangelização do mundo", mas desejam ao mesmo tempo dar seu testemunho livre e abertamente por todo o mundo.

Em sua missão, a igreja deve evitar tanto o confessionalismo como o ecu-

Cristo realmente deu fim ao pecado e tem quebrado o seu poder, até mesmo o poder da morte.

menismo erroneamente concebidos. Se este último busca a unidade de testemunho sem uma clara enunciação da Palavra de Deus, como ela deve ser proclamada na situação atual, provoca confusão e nova fragmentação. Isso conduz a igreja à desobediência. O confessionalismo erroneamente concebido se apega a determinada confissão por nenhuma outra razão além de motivos tradicionais e humano-eclesiásticos, e sem a exposição da sempre dinâmica Palavra de Deus, a qual constitui nossa única fonte de verdade. A igreja de Deus tem constante necessidade de examinar-se a si mesma, de compreender a Palavra de Deus e de cumprir sua missão no mundo como serva de Cristo. ❧

Uma Teologia de Ordenação

A igreja cristã é um conjunto de pessoas que foram reconciliadas com Deus e com os semelhantes em Jesus Cristo. Todos são membros de um corpo do qual Cristo é a cabeça (Efés. 1:22 e 23). A vida cristã, a nova vida em Cristo na igreja, não é, porém, a sua única finalidade. Os cristãos têm profundo interesse no que Deus tem feito e está fazendo redentoramente por Sua criação. Entendem que a reconciliação com Deus em Cristo significa reconciliação com o divino propósito redentor da maneira como foi revelado em Jesus Cristo.

Tendo sido batizados em Cristo, participaram de Sua morte. Morreram com Ele (Rom. 6:2-11) e foram incorporados por Cristo em Sua obra de redenção. Não pertencem mais a si mesmos, e, sim, a Cristo, no qual foram enxertados (Cap. 11:17 e 23). E visto que Um morreu por todos, "logo todos morreram" (II Cor. 5:14) e são chamados para que "não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou" (V. 15). É por isso que os cristãos, onde quer que se encontrem, julgam ter a

Raoul Dederen
Professor de Teologia no Seminário Teológico da Universidade Andrews.

vocação de colocarem essa parte da criação de Deus numa comunhão reconciliadora com Deus e com os semelhantes.

O Sacerdócio de Todos os Crentes

Essa vocação cristã, essa vida na comunhão de Cristo com vistas à salvação da humanidade, não pode — do ponto de vista bíblico — ser equiparada a qualquer "clero" ou grupo profissional. Na verdade, olhando para os séculos do passado, tem-se de admitir que as igrejas cristãs chegaram, em muitos casos, a fazer acentuada distinção entre o clero e os leigos, entre as vocações religiosas e as seculares. Mas no Novo Testamento há poucos indícios de tão profunda diferença vocacional. Na realidade, a palavra *Kleros*, no Novo Testamento, não é usada com referência a um grupo especial entre os cristãos, mas a *todos* eles. Semelhantemente, a palavra para "leigos" — *laos* — não designa uma parte receptora da congregação cristã, mas outra vez *todos* os cristãos. Embora pareça estranho, ambos esses vocábulos designam as mesmas pessoas, e não pessoas diferentes. Todas elas são chamadas ao serviço e todas constituem igualmente o povo de Deus. "Vós . . . sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus — declara o apóstolo Pedro — a fim de proclamar as virtudes daquele que vos

chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz". I S. Ped. 2:9.

A vida cristã, portanto, é definida como um sacerdócio, um ministério realizado em resposta ao chamado de Deus dirigido a todos os pecadores. Isto significa não somente que todo crente tem livre e direto acesso a Deus sem a necessidade de um sacerdote ou mediador, mas também que os cristãos têm sacrifícios a oferecer — "sacrifícios espirituais" (V. 5) — isto é, devem apresentar o seu corpo "por sacrifício vivo" (Rom. 12:1), para que sejam instrumentos de redenção ao proclamarem "as virtudes dAquele que . . . (os) chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz". Eles são definidos como ministros; e, como membros do corpo de Cristo, têm funções especiais a desempenhar, as quais são necessárias à saúde de todo o organismo — a igreja — e à realização de sua missão no mundo. Há pouca coisa efetuada pelo cristão que não deva ser considerada por ele como desempenho de seu sacerdócio ou ministério.

Por conseguinte, o ministério não é uma ordem de homens religiosamente diferentes dos que são supostamente simples "leigos". Não é nem sequer um grupo especial de pessoas. O ministério constitui uma função de toda a igreja, distribuída entre seus membros segundo os vários chamados de Deus a cada um, e os dons e as capacidades correspondentes. Não é um grupo de oficiais de igreja. Antes, o ministério da igreja é sua obrigação, sob as ordens de Deus, de ministrar, como servo Seu, em reconciliar o mundo com Deus.

O Chamado a Ministérios Especiais

Mas, para ministrar assim, a igreja, por designação divina, também delega a vários de seus membros aspectos específicos de suas funções. Em sentido real, cada cristão é um ministro, um *kletos*, chamado à fé, ao discipulado e ao serviço. Ao mesmo tempo, porém, o Novo Testamento faz grande parte do chamado a certos ministérios especiais dentro da igreja. Ou, encarando o assunto sob outro aspecto, Deus chama pessoalmente certos membros da igreja para assumirem um dos ministérios que a igreja reconhece ser necessário a sua existência e a seu trabalho. Isto significa que o chamado ao ministério só é em parte um chamado da igreja. Ele é também, e em primeiro lugar, um chamado interior, uma convicção íntima, por parte do indivíduo, de que a vontade de Deus

"É um erro fatal supor que a obra de salvar almas depende apenas do ministro ordenado" e "todos devem dedicar-se ativa e irrestritamente ao serviço de Deus". Ela também considerava o ministério ordenado como "um cargo sagrado e elevado", "divinamente designado"; e, em comparação com ele, não há na Terra "uma obra mais abençoada por Deus".

é que ele seja útil no desempenho da parte que a igreja lhe designou. Esse ministério é conferido e sancionado por uma ordenação ou consagração.

Em abono da noção de um "chamado especial" ao ministério podem ser apresentadas as seguintes considerações: 1) o chamado fundamental de Deus a todos os homens, efetuado por Jesus Cristo (Efés. 1:1-14); 2) o especial chamado divino de alguns dentre o corpo de Cristo para desempenharem determinado ministério (Gál. 1:15 e 16; Efés. 4:11-16); 3) o reconhecimento pelo povo de Deus de que alguns receberam um chamado especial; e sua investidura na tarefa que lhes é atribuída (Atos 6:2-6; 13:1-3). Essa investidura recebe o nome de ordenação ou imposição das mãos. E embora seja verdade que não há uma descrição formal de uma cerimônia de ordenação no Novo Testamento, existe ampla autorização para que sejam postos à parte os que evidenciaram ter sido chamados por Deus para o ministério cristão.

Os antecedentes dessa prática encontram-se no Velho Testamento, onde já se discerne com clareza o conceito da seletividade divina. Deus chama determinadas pessoas para certas tarefas e as coloca à parte para que O sirvam de modo especial. A história de Israel (a qual abrangeu a escolha de profetas, sacerdotes e reis, acompanhada geralmente por uma cerimônia de unção), bem como a própria decisão referente à Encarnação, atestam essa seletividade e eleição. Deus comumente chamava e empregava indivíduos e grupos de pessoas para que O servissem de modo peculiar.

A designação dos doze apóstolos reforçou essa tradição (S. Mar. 3:14). Nas próprias palavras de Jesus, "não fostes vós que Me escolhestes a Mim; pelo contrário, Eu vos escolhi a vós outros" (S. João 15:16). Paulo usou a mesma expressão ao dizer que foi "designado pregador" (I Tim. 2:7). Seu chamado ao ministério constituiu uma designação efetuada pelo Senhor Jesus Cristo, separando-o "para o evangelho de Deus" (Rom. 1:1), e sancionada pela imposição das mãos em Antioquia (Atos 13:1-3).

Em vista de nossas considerações até agora, podemos dizer que a ordenação é o ato pelo qual a igreja coloca à parte uma pessoa que considera ter sido chamada por Deus. A igreja não pode chamar o ministro à existência, mas é a autoridade que pode confirmar o fato de que ele foi chamado e dar reconhecimento oficial aos dons que

Deus lhe conferiu. Isso não é uma separação para uma posição superior, acima dos outros na igreja, mas antes para serviço dentro da igreja. A ordenação não se destina a produzir categorias de cristãos ou níveis de discipulado. O chamado à qualidade de membro do corpo de Cristo não se baseia em méritos; é simplesmente uma dádiva imerecida da graça de Deus. O mesmo acontece com o chamado para servir ou ministrar. O ministério conferido aos ministros é a *diakonia*, isto é, o serviço, não o privilégio ou direito como tal. Surgindo e atuando dentro do âmbito do sacerdócio coletivo de todos os crentes, revela o mesmo exemplo cruciforme que o próprio ministério de Cristo, no qual está fundado.

A Organização Eclesiástica e o Ministério Ordenado

No estudo da essência da igreja, logo se torna evidente que ela possui uma ordem ou organização, como costumamos chamá-la. Isto não é porque a igreja vive no mundo atual e tenha de adotar forçosamente algo das formas da vida social do mundo. Absolutamente! A ordem da igreja está implícita no serviço que é chamada a desempenhar. Tanto como igreja local como em sua totalidade, ela deriva das funções que constituem sua responsabilidade. Ordenar é a necessária atuação da igreja ao determinar, equipar e sustentar os serviços especiais ou ministérios indispensáveis a sua missão no mundo. Ela enfrenta sua tarefa de maneira sistemática e ordeira. Neste sentido, novamente, a vida da igreja provém de cima, de Cristo, o qual age por intermédio de Seu Espírito e de Seus dons.

Quais são, porém, os característicos dessa ordem? Como adventistas do sétimo dia, recorremos às Escrituras e declaramos que temos de aderir a seus preceitos. Nesta base temos reconhecido diversos cargos. A alguns — os “pastores” — é conferida pela igreja a tarefa de pregar e ensinar, administrar os ritos e o cuidado pastoral das almas. A outros — os “anciãos” das igrejas locais — é confiado o encargo de disciplinar e superintender. A outros ainda — os “diáconos” — é entregue o cuidado dos pobres e a obra beneficente da congregação. Esses oficiais, reconhecidos como líderes pelas congregações, exercem autoridade por meio de corporações organizadas para presidir a cada congregação e as maiores áreas da igreja,

Com base no Novo Testamento, há na igreja diversos ministérios: os pastores, os “doutores” (ou mestres), os anciãos (ou disciplinadores da igreja) e os diáconos, que deveriam exercer principalmente um ministério de compaixão e de mordomia do bem.

segundo determinem as necessidades.

Esses ministérios ordenados foram concedidos à igreja pelo Senhor para que se submeta a Cristo e seja dirigida pelo evangelho. Com efeito, todos os membros da igreja são convidados a contribuir para essa sujeição. No entanto, sobre o ministério pastoral ordenado recai a responsabilidade central de servir à igreja na palavra e ordenação, de modo que a igreja possa ser constantemente lembrada de seus fundamentos bíblicos, exposta ao Senhor que em breve virá e colocada sob a cruz e a ressurreição.

A forma de governo da igreja, portanto, foi-nos enunciada nas Escrituras. Contudo, embora seja verdade que o Novo Testamento tem muito que dizer-nos sobre o ministério que é normativo para todos os tempos, parece ser óbvio, igualmente, que no tocante à ordenação, Deus teve pouca intenção de dizer-nos o que deve ser realizado em cada caso específico. Junto com os pastores, anciãos e diáconos a que fizemos alusão, também lemos no Novo Testamento de apóstolos, profetas, evangelistas, operadores de cura, administradores, os que falam diversas línguas, e outros mais. Paulo declara que a tarefa dos recebedores desses dons consiste no “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:12). Evidentemente, a proclamação do evangelho, o serviço cristão a favor do mundo e a edificação da comunidade requeriam uma variedade de atividades, tanto permanentes como provisórias, tanto espontâneas como institucionais.

Com essa finalidade, o Espírito Santo outorgou diversos dons complementares à igreja primitiva. Entre eles encontrava-se o ministério ordenado, o qual não poderia ser exercido fielmente sem uma íntima relação com os outros dons espirituais. Não creio, porém, que essas funções nos sejam apresentadas como “ordens” ou cargos permanentes e inflexíveis. Antes, eles nos foram expostos como meios pelos quais a igreja primitiva desdobrou suas forças à luz da campanha especial em que se achava empenhada em sua própria situação histórica.

Reconheço pelas Escrituras que as funções de pastores, anciãos e diáconos devem ser cumpridas permanentemente para a expansão e preservação da igreja. São estes os elementos básicos de uma organização que “deveria servir de modelo para a organização de igrejas em todos os outros lugares em que mensageiros da ver-

dade conquistassem conversos ao evangelho". É o que quero dizer ao declarar que o modelo do governo da igreja de Deus nos foi apresentado nas Escrituras. Mas creio também que o que recebemos dessa maneira são padrões gerais de ordem e organização, e que em questões de organização e ordem, não foi da vontade de Deus dar-nos recomendações pormenorizadas. Isso constitui, porém, uma parte integrante de nossa resposta ao chamado divino. A organização, da maneira como tem sido interpretada e experimentada na história adventista, é intrínseca a nossa obrigação de reflexão teológica ao estarmos aqui e agora, sob a Palavra de Deus, em face da tarefa que nos foi confiada: a obra do ministério.

Ministérios Adicionais

Há algum tempo, sob a premência da necessidade, mas creio que também sob o impulso do Espírito, nós, como igreja, passamos a reconhecer e a instituir outros ministérios, isto é, ministérios além dos de pastor, ancião e diácono. Gradualmente, passamos a reconhecer os que desempenham tais funções como ministros de administração, tesoureiros, revisores de contas, para não mencionar o ministério médico. Por um lado, surgiram novas necessidades, e, por outro lado, homens e mulheres ouviram o chamado de Deus para dedicarem a vida ao serviço da igreja, a fim de exercerem um ministério diferente, por exemplo, do ministério estritamente pastoral, mas que lhe sirva de complemento. Creio que esses ministérios se baseiam num chamado divino e no reconhecimento desse chamado por parte da igreja remanescente. Em nossa opinião, eles requerem, como acontece com o ministério pastoral, o cabal esforço e todo o tempo dos que os empreendem. Do mesmo modo que o ministério pastoral, seu requisito preliminar é a preparação apropriada. E, se bem que de forma diferente e às vezes mais restrita, participam, como é o caso do ministério da Palavra, no ensino e na salvação de almas. A principal diferença entre esses ministérios e o ministério pastoral encontra-se no tipo de responsabilidades que lhes é confiada e na competência que lhes é atribuída.

A esta altura, talvez seja útil declarar por que a Igreja Adventista restringe a administração dos ritos — chamados sacramentos pelos outros — aos anciãos e pastores da igreja, como mi-

A vida cristã, portanto, é definida como um sacerdócio, um ministério realizado em resposta ao chamado de Deus dirigido a todos os pecadores.

nistros ordenados, pois é este fato, mais do que qualquer outro, que leva tantas pessoas a aceitarem a idéia errônea de que o pastorado, por exemplo, encerra uma espécie de *status* sacramental ou sacerdotal. Essa restrição é uma questão de ordem, e não um assunto sacramental. Destina-se a tornar bem claro que a administração dos ritos constitui um ato da igreja, de modo que ninguém ouse realizá-los sem a ordem da igreja.

Que é, Então, a Ordenação?

Quero dizer, que é a ordenação para a Igreja Adventista do Sétimo Dia? Estamos provavelmente cientes do fato de que não temos uma doutrina bem elaborada sobre a ordenação ao ministério. Embora os católicos romanos tenham formulado numa doutrina clara e coerente o sentido e a importância das ordenações de sua igreja, não temos nada similar em nossos documentos oficiais. Somos, porém, mais afortunados do que algumas das principais denominações protestantes que em suas confissões de fé ou em suas liturgias prescrevem o ato, mas geralmente não dizem coisa alguma a respeito do significado e dos efeitos desse ato.

O segundo capítulo do *Manual Para Ministros ASD*, por exemplo, trata da ordenação. Conquanto cerca de 90% do seu conteúdo seja dedicada a questões de procedimento, ao exame dos candidatos à ordenação e ao próprio serviço de ordenação (o repto e a alocação de boas-vindas), esse capítulo define a ordenação como "a separação de um homem para uma vocação sagrada, não para um campo local unicamente, mas para a igreja inteira".

Na ausência de uma declaração mais esmerada, leiamos algumas observações de Ellen G. White sobre o significado e as inferências da ordenação ao ministério pastoral.

É importante, em primeiro lugar, lembrar que Ellen G. White tinha a mais alta consideração pelo ministério ordenado. Embora declarasse que "é um erro fatal supor que a obra de salvar almas depende apenas do ministro ordenado" e que "todos devem dedicar-se ativa e irrestritamente ao serviço de Deus", ela também considerava o ministério ordenado como "um cargo sagrado e elevado", divinamente designado"; e, em comparação com ele, não há na Terra "uma obra mais abençoada por Deus". Quanto às mãos da ordenação, elas deveriam ser colocadas "sobre aqueles que tenham dado

plena prova de que receberam o chamado de Deus, sendo então separados para se devotarem inteiramente a Sua obra”.

Em parte, o objetivo da imposição das mãos é por ela considerado como “a sanção da igreja” à saída do ministro como mensageiro para levar a mais solene mensagem já dada aos homens. Enquanto falsos mestres ameaçam os próprios fundamentos da mensagem evangélica, homens de fé, chamados por Deus, devem ser separados, “a fim de garantir a paz, a harmonia e união do rebanho”.

Semelhantemente, em sua análise da dedicação a Deus de Paulo e Barnabé, pela oração e pela imposição das mãos, segundo está relatado no começo de Atos 13, ela menciona: “Assim foram eles autorizados pela igreja, não somente para ensinar a verdade, mas para realizar o rito do batismo e organizar igrejas, achando-se investidos de plena autoridade eclesiástica”. — *Atos dos Apóstolos*, p. 161. “Sua ordenação era um reconhecimento público de sua divina designação para levar aos gentios as boas-novas do evangelho”. — *Ibidem*.

No próprio tempo em que ela viveu, e de maneira muito semelhante, ministros adventistas, “havendo recebido sua comissão da parte de Deus”, foram “então separados para se devotarem inteiramente a Sua obra”. Embora a ordenação sofresse “muito abuso” em séculos mais recentes e tenha sido dada a esse rito “insustentável importância”, “como se sobreviesse de vez um poder aos que recebiam essa ordenação, poder que os habilitasse imediatamente para toda e qualquer obra ministerial”, os pioneiros adventistas consideravam essa prática como estando plenamente em harmonia com “a ordem do evangelho”.

Que é Conferido Pela Ordenação?

Que é, então, conferido pela ordenação? O Novo Testamento não dá indicação alguma de que a ordenação proporcione dons espirituais ou oficiais que não sejam obtidos de outro modo. Não encontramos ali a menor evidência de que a ordenação confira alguma qualidade indelével, acompanhada por poderes especiais para administrar ritos bem fundados. Ela também não outorga, de uma vez, o Espírito Santo, como que garantindo a formulação da doutrina correta.

Assim, por exemplo, a ordenação de Paulo e Barnabé, relatada em Atos 13, não lhes proporcionou novos dons,

A igreja não pode chamar o ministro à existência, mas é a autoridade que pode confirmar o fato de que ele foi chamado e dar reconhecimento oficial aos dons que Deus lhe conferiu.

nem os separou para um novo ministério, de natureza diferente daquele em que se haviam empenhado anteriormente. Ambos esses homens primavam na doutrina e em outras virtudes antes de serem ordenados ao ministério. A imposição das mãos “não ajuntou . . . nenhuma graça ou virtual qualificação” ao ministério deles, comenta Ellen G. White.

Mas é escusado dizer que quando Deus quis valer-Se do serviço deles e os chamou, continuou a moldá-los e a dotá-los de Suas graças. “Havendo recebido sua comissão da parte de Deus e tendo a aprovação da igreja, saíram batizando . . . e administrando as ordenanças da casa do Senhor . . . , a fim de conservar sempre na memória dos amados filhos de Deus os . . . sofrimentos e morte [do Salvador]”. — *Primeiros Escritos*, p. 101.

Afigura-se-me que o conceito adventista do sétimo dia sobre a ordenação pode ser sintetizado nos pontos seguintes: 1. Os adventistas crêem num chamado pessoal e divino ao ministério cristão e têm insistido historicamente na realização de uma cerimônia de ordenação para os que foram chamados desse modo. 2. Por meio desse ato a igreja confirma o chamado, reconhecendo publicamente a sua validade. 3. Esse ato oficial constitui também um indício do fato de que o indivíduo assim separado para o novo ministério é um representante da igreja. 4. Como parte do ato da ordenação, a igreja se empenha em oração intercessória pela continuação do dom do Espírito Santo nos que cumprem o ministério confiado à igreja. Compreende-se, no entanto, que o ato em si não encerra nenhum significado ou autoridade sacramental ou sacerdotal.

Uma Diversidade de Ministérios

Com base no Novo Testamento, há na igreja diversos ministérios: os pastores, os “doutores” (ou mestres), os anciãos (ou disciplinadores da igreja) e os diáconos, que deveriam exercer principalmente um ministério de compaixão e de mordomia do bem. Todos recebem seu chamado de Deus e, além disso, recebem da igreja o reconhecimento de sua autoridade pela imposição das mãos.

O ministério moderno está sendo, porém, cada vez mais considerado uma profissão bem como um chamado. Requer geralmente conhecimento especializado e longo preparo, pois, antes de mais nada, é um ministério habilitador (cp. Efés. 4:12), destinado a aju-

dar os cristãos a desempenharem seus vários tipos de ministério individual. Esse aspecto profissional do ministério abrange diversas funções. Enquanto a pregação continue sendo o meio mais comum de transmitir o evangelho, também se espera que os ministros hodiernos sejam mestres, dirigentes de culto e peritos na arte do cuidado pastoral.

O múltiplo conjunto de oficiais na igreja local está em harmonia com o conceito do Novo Testamento sobre o ministério, bem como com a nossa época de especialização. E esta última não é incompatível com o chamado cristão ao ministério pastoral, contanto que concorra para o desempenho de sua vocação primordial: a proclamação de Jesus Cristo e a comunicação do evangelho. Mesmo assim, todos são ministros na verdadeira acepção da palavra. Podemos falar, portanto, de ministros da música, da educação religiosa, dos jovens, da obra social, do cuidado e conselho pastoral. Não conviria que todos eles fossem devidamente reconhecidos pela ordenação ao ministério cristão? (Ou não seria melhor falar em *ministérios*?)

O ministro contemporâneo também faz parte de uma equipe que promove a cura. Os componentes dessa equipe, entre outros, são o médico, o psiquiatra, o psicólogo, o educador, todos os quais manifestam preocupação pelas necessidades das pessoas como um todo.

Como traçar, porém, a linha divisória entre o ministério ordenado e os ministérios leigos? Não é destituído de significação para nós, como adventistas do sétimo dia, que Ellen G. White tenha considerado que "os médicos missionários, que trabalham nos ramos evangelísticos, estão efetuando uma obra de tão elevada ordem, como seus coobreiros do ramo ministerial" (*Evangelismo*, p. 546). "O médico e o ministro fiéis empenham-se na mesma obra", a qual é "em grande parte uma obra espiritual". Ela salienta que essa vocação "inclui a oração e o impor das mãos; portanto ele deve ser separado para sua obra de maneira tão sagrada como o ministro do evangelho. Os que são escolhidos para desempenhar a parte de médicos missionários devem ser separados como tais" (*Ibidem*). Temos aí claramente dois ministérios, reconhecidos pela congregação como talentos de origem divina, e, a pedido da igreja, dedicados à reconciliação do mundo com Deus.

Dar-se-á o caso de que Deus esteja procurando ajudar-nos a reconhecer

O múltiplo conjunto de oficiais na igreja local está em harmonia com o conceito do Novo Testamento sobre o ministério, bem como com a nossa época de especialização.

por dedução uma pluralidade ou diversidade de ministérios, cada um com uma ordenação correspondente e um repto que lhe seja apropriado, assim como a separação do pastor, do ancião local e do diácono requerem uma ordenação e um repto que lhes sejam peculiares?

É neste ponto que se centraliza uma boa parte de nossa preocupação. Se admitirmos que o mundo no século XX requer uma pluralidade de ministérios, como devem eles relacionar-se com o ministério ordenado? Devem ser encarados como estando dentro da esfera de ação do ministério pastoral ou como aspectos recentes do ministério leigo? O debate a esse respeito não é mera questão de terminologia. Ele obriga a igreja a pensar seriamente no significado da ordenação, focalizando a atenção num aspecto sensível que não pode ser passado por alto.

Se o ministério ordenado, segundo indicamos, é concedido para a regulamentação da igreja pelo evangelho, e se ele ministra por palavra e preceito, até onde podem estender-se devidamente os seus limites? Quando a relação com a palavra e o preceito se torna tão forçada e indireta que perca a realidade?

O chamado ainda é por uma igreja moldada em obediência ao evangelho e à revelada vontade de Deus, e sensível às necessidades do mundo. Deveríamos perguntar até que ponto as formas existentes do ministério ordenado, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, são adequadas e em harmonia com o plano de Deus, e que novas formas podem ser requeridas.

Uma análise mais esmerada de nossa teologia de ordenação pode significar trabalho aturado e compreensão recíproca, pois por baixo dos dados escriturísticos estamos lidando amiúde com preconceitos e interesses pessoais — de todos os lados — bem como com padrões estabelecidos e hábitos arraigados. No entanto, a teologia de ordenação e suas inferências, sumariamente evocadas nestas páginas, constituem certamente algo a que a igreja precisa aplicar-se mais cedo ou mais tarde. Essa tarefa é indispensável. Como teólogo, espero que muitos participem nesse estudo, prestando sua contribuição individual, para que o povo de Deus, como um todo, encontre uma boa solução para prementes problemas de nosso tempo.

(Por falta de espaço foram omitidas as notas e referências). ■■

Fumo e Saúde

O CIGARRO E O SABER

Earp e Clark²¹ realizaram pesquisas minuciosas quanto ao rendimento dos estudantes fumantes e dos não-fumantes. Entre 304 estudantes do sexo masculino, dos 23 expulsos por aprendizado deficiente, 21 eram fumantes. Clark informou acerca de 201 estudantes, dos quais apenas 18,3% dos fumantes eram merecedores de distinções especiais, ao passo que entre os não-fumantes a porcentagem dos que receberam menção honrosa ascendeu a 68,5%.

O fumo tem grande influência nas causas das doenças cardiovasculares. A abstinência do fumo não só reduz a incidência do ataque cardíaco, mas também a mortalidade após o infarto.

O Dr. Werko, na Suécia,²² após estudos em 30.000 suecos, confirmou muitos estudos americanos que indicam que o cigarro, a hipertensão arterial e a hiperlipedemia (aumento de gorduras no sangue) são importantes fatores de risco na doença coronariana.

"Nós cremos que o fumar é mais importante que a hipertensão arterial e o aumento das gorduras no sangue, e também achamos que a combinação de fatores é mais importante que um só fator".

O fumante tem duas vezes mais risco de sofrer um infarto do que o não-fumante.

Um estudo de pacientes que tiveram infarto do miocárdio e deixaram de fumar, com os que não deixaram, trouxe à luz o seguinte: a mortalidade foi reduzida em 25% naqueles que pararam de fumar, ainda que alguns apresentassem uma maior área de infarto. Entende-se por isto que todo cardiologista que se preza contra-indica o cigarro a todo paciente com problema cardíaco.

Em estudos combinados de Framingham (Mass.) e Albany (Nova Iorque),²³ envolvendo 4.120 homens, o fumante apresentava três vezes maior incidência de severa lesão coronariana com aumento de mortalidade.

No relatório da Comissão Consultiva do Diretor Nacional de Saúde, nos Estados Unidos, sobre o Hábito

O fumo tem grande influência nas causas das doenças cardiovasculares. A abstinência do fumo não só reduz a incidência do ataque cardíaco, mas também a mortalidade após o infarto.

Dr. Zildomar
Deucher

de Fumar e a Saúde,²⁴ informou-se que o homem que fuma apresenta uma incidência de mortalidade por doença coronariana 70% maior do que a do não-fumante.

Estas cifras coincidem com o estudo de 198.926 pessoas acompanhadas pela Veterans Administration,²⁵ cujo índice de mortalidade por doença cardíaca foi 63% maior nos fumantes do que nos não-fumantes.

Wakerlyn G. E.²⁶ calculou que cada ano, nos Estados Unidos, tem-se de lamentar aproximadamente 60.000 mortes, devido a ataques cardíacos entre homens fumantes de 40 a 69 anos de idade. Estas mortes excedem ao que se espera em não-fumantes.

Entre outras doenças vasculares que sofrem uma relação direta com o hábito de fumar, está a doença de Leo Buerger ou tromboangeíte obliterante, que se caracteriza por uma obstrução progressiva dos vasos sanguíneos, principalmente nos membros inferiores, e pode requerer a amputação desses membros, se o paciente não for atendido a tempo e não deixar de fumar. 95% dos pacientes são tabagistas inveterados. Estes doentes, no dizer de um velho mestre da Medicina, se não apagarem o cigarro no cinzeiro, apagá-lo na perna-de-pau.

Nos diabéticos que fumam, a arteriosclerose é duas vezes mais freqüente do que nos não-fumantes, comprovando-se que o uso do tabaco nos que têm qualquer enfermidade das paredes das artérias dificulta marcadamente o seu restabelecimento.

Disse Carlos D. de Abrantes (*Jornal do Brasil*, 19/10/1977): "Hoje ninguém mais contesta seriamente os efeitos nocivos do fumo, não só para os que sugam voluntariamente a fumaça do cigarro, charuto ou cachimbo, como para os que são obrigados pelas contingências da vida social a permanecerem ao lado desses viciados, em recintos fechados, meios de condução e outros ambientes, onde aspiram os gases tóxicos desprendidos pela ação egoísta dos fumantes".

Cumpramos neste momento a notável participação de um jovem

**Artigos
Gerais**

político na Primeira Conferência Mundial Sobre Fumo e Saúde, realizada em 1967, em Nova Iorque. Ouviu-se a voz de um homem fabuloso, treinado nas lutas pela liberdade, pela paz, contra o racismo, contra as injustiças, e cuja morte abriu um vácuo no seu país: Robert Kennedy.

Assim ele abriu outra frente de luta, e suas palavras foram contundentes: "O fumo faz anualmente cinco vezes mais vítimas do que todos os acidentes de tráfego. Por causa do fumo, morrem por ano mais americanos do que morreram na Primeira Guerra Mundial, na Guerra da Coréia e na do Vietnã combinadas e quase tantos quantos morreram na Segunda Guerra Mundial. A indústria do cigarro espalha veneno mortal e joga com a vida humana em troca de lucros financeiros".

No magnífico capítulo: "Os Quatro Campos da Medicina na Virada do Milênio: Prevenção, Cura, Calote e Criação", Mário Rigatto, em seu livro *Médicos e Sociedade*, tenta vaticinar: "Os fabricantes de cigarro e similares, deverão estar sujeitos a penalidades tão ou mais severas do que as que hoje são aplicadas aos traficantes de tóxicos".

Da Medicina propriamente dita, o organismo sadio talvez receba uma importante contribuição: a prevenção do câncer (embora o câncer mais importante na atualidade, o do pulmão, já possa ser efetivamente controlado pela simples supressão do hábito de fumar).

A mais bela tarefa confiada à boca, pelo Senhor, foi sorrir. Não menos importante é falar. E beijar. E mamar. E comer. Talvez nenhuma estrutura anatômica tenha recebido tantas tarefas nobres quanto a boca.

Para espanto da criação, o homem pôs em segundo plano toda essa programática e confere à boca, em plano preferencial, duas missões surpreendentes: chupar cigarros e dar vazão aos seus detritos. Transformou-a em chaminé para dar saída ao fumo, e em esgoto, para eliminar o catarro por ele gerado.

O cativante perfume de uma boca de mulher foi substituído por catinga de nicotina. A alvura dos dentes, pelo amarelado do alcatrão; e o rosado sadio das gengivas, pela palidez das infecções peridentais.

O Dr. Roger L. Provie, do Instituto Roswell Park, após pesquisas com 9.651 pessoas, conclui que as mulheres de 20 a 30 anos que fumam muito têm: duas vezes mais possibilidades de perder todos os dentes, do que as que não fumam; acontecendo o mesmo com

Fumar não é um simples hábito. Fumar é uma perversão. Perversão é dar às coisas da criação funções para as quais nunca foram concebidas.

os homens de 30 a 59 anos. A causa se deve a doenças das gengivas causadas pelo fumo.

Sabe-se que no mundo atual, afóra a fome, o fumo é o maior inimigo da saúde.

Em termos de saúde pública, os outros tóxicos têm muito menos importância. Paradoxalmente, a sociedade pouco ou nada faz contra o fumo. De duas, uma: ou seus líderes não sabem que o fumo é tóxico, ou têm medo de agir. Se não sabem, são mal-informados. Se têm medo, são medrosos. Mal-informados e medrosos não servem para líderes.

O fumo se concentra mais naqueles lugares nos quais o poder econômico atua sem peias, fazendo uso de uma propaganda tão fascinante quanto mentirosa: Desde quando escarrar sangue é "sucesso", sacolejar catarro no peito é "elegância", abrir as portas ao infarto e ao câncer é "saber o que quer"?

Os exemplos de vilania dos cifrões certamente não começaram com a venda de Cristo por Judas, nem com ela terminaram. Mas poucos — se é que há algum — são mais chocantes do que essa lavagem cerebral, financiada pelas grandes marcas de cigarro, que induz certos líderes de algumas das mais cultas populações do globo a permitir, sem qualquer restrição, a intoxicação em massa de seus compatriotas, incluindo entre eles a si próprios, a sua esposa e a seus filhos. Nunca as armas do dinheiro conseguiram fazer cair tão baixo o nível da consciência cívica.

Fala-se dos impactos que o negócio do fumo gera para a nação entre 10 a 12% da arrecadação tributária, e que o país não pode abrir mão dessa renda.

É um argumento vil. Desde quando um pai vende a saúde de seus filhos para equilibrar o orçamento doméstico? Desde quando, ao longo de sua história, o Brasil sacrificou o bem-estar de sua gente aos apetites financeiros? Abolir a escravatura significava para o Brasil pesado encargo financeiro e grave ameaça à sua estrutura econômica de país agropastoril. Mas o preço do sucesso econômico não poderia ser a escravidão de seus filhos. E a escravatura foi abolida.

As despesas públicas com o absentismo ao trabalho, as enfermidades e as mortes prematuras devidas ao fumo, as despesas hospitalares milionárias, na tentativa de curar os males por ele causados, superam em muito as rendas tributárias que o cigarro produz.

Na França, grande campanha contra o cigarro foi iniciada em 1975, com bons resultados até o presente. Os dirigen-

tes e políticos também deram exemplo, deixando de fumar durante as reuniões de gabinete e do parlamento. Os parlamentares aprovaram uma lei que proíbe a propaganda de cigarros na televisão.

“A França não possui tantos talentos que possa sacrificá-los em holocausto a um costume tão estúpido”. Com essas palavras, o Cardeal Richelieu pôs término aos duelos na França. A indignação do cardeal era compreensível. Anualmente a França perdia vários de seus melhores homens em duelos nos quais se haviam engajado, na maioria das vezes, por motivos fúteis.

No século XX a sociedade perde seus líderes em holocausto ao tabagismo.

A França de Richelieu proibiu a prática do duelo em nome da Segurança Nacional. O Brasil da Revolução deve proibir o abuso da propaganda mentirosa e maléfica em nome da Segurança Nacional. Poucos exemplos da História seriam mais dignos de serem imitados do que esse.

Que grande força de trabalho construiremos à base de uma população de bronquíticos e enfisematosos, doentes que lideram as estatísticas do absentismo? Que mentalidade podemos esperar de cientistas de custosa formação, que aos 40 anos de idade, quando começam a produzir, são subtraídos à ação por infartos prematuros, frutos do tabagismo? Que elite intelectual reuniremos quando líderes da política, da arte, da ciência, da administração, vão morrendo em proporção assustadora, de câncer do pulmão, produzido pelo fumo? Com que crianças povoaremos nossa terra se os filhos de mães fumantes nascem mortos ou têm peso de prematuros?

O francês do tempo de Richelieu que morria no duelo, morria por sua honra. O brasileiro, nosso irmão, que morre asfixiado pelo fumo, morre para satisfazer à ganância amoral dos “trustes” do tabaco. Até quando um povo que teve a graça de ser irmão de Tiradentes vai agüentar acomodado e inerte a tamanha degradação?

Logo que o hábito de fumar começou a se espalhar pelo mundo, iniciou-se uma luta tenaz contra o cigarro. A luta foi grande, chegando até a haver pena de morte.

Em 1604 o Rei Jaime I, da Inglaterra, escreveu um livro sobre o tabaco e ordenou o enforcamento de todos os fumantes do seu reino. Mas, reconhecendo que tal medida dizimava a população, contentou-se em mandar executar o introdutor do cachimbo naquele país.

Logo que o hábito de fumar começou a se espalhar pelo mundo, iniciou-se uma luta tenaz contra o cigarro. A luta foi grande, chegando até a haver pena de morte.

O Papa Urbano VII expediu a pena de excomunhão aos fumantes. Hoje os sacerdotes fumam.

Os sultões da Turquia, os czares da Rússia e os xás da Pérsia mandaram cortar os lábios dos fumantes, mas mesmo assim o vício alastrou-se. Entretanto, agora na época das luzes, a ciência veio explicar à população os perigos do cigarro, e com bases sólidas, conseguindo-se algumas vitórias contra o fumo.

Errado era castigar como o fizeram. O homem não é um animal que possa ser conduzido com chicote, e, sim, com ilustração e exemplo. Mas, errada é também a permissividade atual e o abuso das poderosas empresas que, burlando a legislação, ocupam horários nobres, quando ainda as crianças e os juvenzinhos estão diante do vídeo, presenciando a propaganda dessa pestilenta intoxicação coletiva.

Como motivar os adultos a deixarem de fumar? Como influenciar os adolescentes para não começarem a fumar?

A incidência de jovens fumantes é diretamente proporcional ao hábito de fumar dos pais. Os filhos de pai e mãe não fumantes apresentam baixa incidência de fumantes.

Recentemente, 500 fumantes foram colocados num barco, para um cruzeiro no Mediterrâneo. Durante a viagem, foram submetidos a um regime alimentar à base de frutas e amendoim, e sem carne, álcool e café. No retorno, 75% deixaram de fumar.

Nos Estados Unidos foi criado o curso: “Plano Para Deixar de Fumar em Cinco Dias”. Temos participado como instrutor em vários cursos, e nossa experiência tem sido consoante com a de outras nações em que milhares de pessoas têm vencido o terrível hábito de fumar.

Ficamos impressionados ao receber a Carta nº 7, de julho de 1977, do Ministério da Previdência e Assistência Social, onde vemos que até 1980 o Sistema Nacional de Controle do Câncer terá sua fase de execução definitivamente implantada. Na mesma carta, segundo relatório da Secretaria Médica do INPS, é declarado que 70% da população brasileira é constituída de jovens menores de 30 anos, que, no devido tempo, alcançarão faixas etárias em que o câncer incide com maior frequência.

Segundo as estatísticas apresentadas, que confirmamos com nossa experiência de 17 anos como cirurgião, após operarmos grande número de doentes do coração, por arteriosclerose coronária, e do pulmão, por câncer,

vaticinamos dias sombrios para nosso sistema de saúde e para a economia dos organismos responsáveis pelo financiamento do tratamento desses futuros doentes, se não nos unirmos com patriotismo na luta contra os fatores já de todos conhecidos, que afetam a saúde.

Só vislumbramos possibilidades de vitória se nossos homens públicos criarem leis que venham, pelo menos, a evitar os abusos mentirosos da propaganda.

Nesta época em que se fala tanto em medicina preventiva e profilaxia das doenças, dever-se-ia dar ênfase à luta antitabágica, criando, se necessário, um organismo específico, encarregado de educar o público, especialmente os estudantes, alertando-os sobre os efeitos maléficos do fumo.

Para isto necessitam-se homens.

"Quisera escrever na porta de cada escritório e de cada casa comercial do mundo esta frase: Necessitam-se homens.

"Quisera pender em letras de ouro, dentro de grinaldas, sobre cada altar ou púlpito da Terra, estas palavras: Necessitam-se homens.

"Quisera gravar no cume das montanhas, para que seu reflexo voasse com as brisas do céu: Necessitam-se homens.

"Quisera dirigir o dedo do relâmpago, para escrever com letras de fogo, através do céu tenebroso: Necessitam-se homens.

"Quisera juntar o estrondo do trovão e o estépito das cataratas e o bramido do mar para gritar: Necessitam-se homens.

"Quisera unir as vozes de todos os homens, as orações de todas as mulheres e todas as forças da Natureza para enviar este clamor ao Céu: Deus grande e infinito, neste quarto final do século XX, dá-nos homens, homens puros, homens limpos, homens valentes, homens que se atrevam a fazer o justo tão-só porque é justo, homens que libertem a humanidade da fumaça maligna do cigarro".

Só vislumbramos possibilidades de vitória se nossos homens públicos criarem leis que venham, pelo menos, a evitar os abusos mentirosos da propaganda.

Bibliografia:

1. Goodman e Gilman. *The Pharmacological Basis of Therapeutics*. 2ª edição.
2. Krantz, C. J., Car, G. J., *Pharmacologic Principles of Medical Practice*. 6ª edição.
3. Burney, L. E., *O Fumo e o Câncer do Pulmão*, p. 31.
4. Teixeira, Jessé. Notas Sobre a Epidemiologia do Câncer do Pulmão. *Brasil Médico*, vol. 82, VI — 1968.
5. Doll, R. e Hill, A. B., Smoking and Carcinoma of Lung. Preliminary Report. *Brit. M. J.*, 2:739-748, 1950.
6. Doll, R., Bronchiol Carcinoma. Incidence and Etiology. *Brit. M. J.*, 2:621-627 e 585-590, 1953.
7. Wynder, E. L., e Graham, E. A., Tabacco Smoking as a possible etiologic Factor in bronchiogenic carcinoma. A study in 684 proved cases. *The Journal of the American Medical Association*, 143:329, 336; 27 de maio de 1950.
8. Ochsner, A., Carcinoma of the lung. *The Harlem Hospital Bulletin*, 4:39-47, setembro de 1951.
9. Ochsner, A., Decamp P., Debaquey, M. E., e Rays, C. L., Bronchiogenic carcinoma. *The Journal of the American Medical Association*, 148:691-697, 1º de março de 1952.
10. Ochsner, A., *Smoking and cancer*, Julian Messner, Inc., Nova Iorque, 1954.
11. Hammond E. e Daniel Horn, Smoking and Death Rates. Report on Forty four months of 187.783 men. *The Journal of the American Medical Association*, 166:1150-1172, 1294-1308, 8 e 15 de março de 1958.
12. The Royal College of Physicians of London. *Smoking and Health*, Pitman Medical Publishing, London, 1962.
13. Benedict, N. F., Rucker, N., Faust, T. and Kouri, R. E., Malignant Transformation of Mouse Cells by Cigarette Smoke. *Cancer Res.*, 35:857-860, 1975.
14. Buck, F. G., Michelson, I., Bross, I. D. T., e Priore, R. L., Carcinogenic activity of smoke condensate from cigarettes with ammonium sulphamate treated paper. *Cancer*, 35:1010-1016, 1974.
15. Hoborst, H. L., e Lactate. Determination with Lactic de hydrogenare in methods in enzymatic analyses, pp. 266-270. New York Academic Press, 1965.
16. Hoffman, D., e Wynder, E. L., A study of tabacco carcinogenesis XI. Tumor infactors, tumor accelerators and tumor promoting activity of condensate fractions. *Cancer*, 27:848-864, 1971.
17. Invi, N., e Takayama, S., Effect of cigarette tar upon fissue culture cells. Neoplastic Transformation of hauster lung cells by tabacco far in fissue culture. *Br. J. Cancer*, 25:574-583, 1971.
18. Hoffman, D., Hecht, S. S., Orna, R. N., e Wynder, E. L., N-Nitrososon Nicotine in tabacco. *Science*, 186:265-267, 1974.
19. Tayler, R., e Piper, D. W., *A Journal of the American Cancer Society*, vol. 39, nº 6, julho de 1977.
20. Julius H. Comroe, *Physiology of Respiration*, p. 13.
21. "O cigarro e o saber", *El Promotor de Temperancia*, julho de 1964. (Departamento de Temperança da Divisão Sul-Americana da IASD).
22. Werko, L., *Clinical Trends of Cardiology*, vol. 5, nº 1, 8.
23. Doyle, J. T., Dawber, T., Kannel, W. B., Heslin, A. S., e Kahn, H. A., Cigarette Smoking and Coronary heart disease combined experience of the Albany and Cramingham Studies. *New England, J. Med.*, 266:796, 1962.
24. U. S. Surgeon General's Advisory committee on smoking and health. *Smoking and Health Report Government Printing Office*. Washington, 1964.
25. Dorn, H. F., Tabacco consumption and mortality from cancer and other diseases. *Pub. Health rep.* 74:581, 1954.
26. Wakerlin, G. E., *Am. Inst. Med.*, 37:313, 1952.

FROM SABBATH TO SUNDAY

Tese do Prof. Samuele Bacchiocchi, da Andrews University, defendida com êxito diante de eruditos do Vaticano.

O único livro adventista a receber um *imprimatur* de Roma.

Analisa documentadamente a origem não bíblica do domingo e a gradual substituição do sábado. Preço: US\$ 8.50.

PEDIDOS

diretamente ao autor:

Dr. Samuele Bacchiocchi
230 Lisa Lane
Berrien Springs, Mich. 49103.